

VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação
Comunicação oral

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E FILOSOFIA: reflexões

INFORMATION SCIENCE AND PHILOSOPHY: Reflections

Jaime Robredo(Universidade de Brasília, jrobredo@unb.br)

Resumo: Embora conhecimento, informação e comunicação sejam conceitos indissociáveis, observa-se que só raramente os filósofos têm usado o termo informação em suas reflexões. Só recentemente, sob a enxurrada das novas ‘filosofias’ disto e daquilo, surgiram as expressões ‘filosofia da informação’ e ‘filosofia da ciência da informação’, o que contrasta com o uso bem mais antigo do termo filosofia, associado à política, ao direito, à história, à ciência, etc. Avançam-se algumas reflexões sobre o pensar filosófico nas atividades correntes da ciência da informação, especialmente quando se trata de lidar com volumes crescentes de informações. A compreensão do valor significativa da linguagem e de sua importância representacional podem levar à otimização dos processos de análise, organização e uso da informação, e a uma aproximação do cerne da ciência da informação, em escala planetária.

Palavras-chave: filosofia. ciência. tecnologia. ciência da informação. filosofia contemporânea

Abstract: Even though knowledge, information and communication are mutually linked concepts, one can notice the rather low frequency with which philosophers use the term information to express their thoughts. Only recently, under the flood of new ‘philosophies’ of this and that, emerged the expressions “information philosophy” and “information science philosophy”, which is in contrast with the much older use of the term philosophy as associated to politics, law, history, science, etc. Some ideas are presented on the philosophical thought as related to the information science current activities, with emphasis on the need to cope with continuously growing volumes of information. The understanding of the significant value of language and its representation force may contribute to optimize the processes of analysis, organization and use of information, thus facilitating our closeness to the core of information science itself.

Keywords: philosophy. science. technology. information science. contemporary philosophy

1. Introdução

O objeto da presente comunicação é passar em revista as profundas mudanças experimentadas pelo pensamento filosófico a partir da segunda metade do século passado, que, poderíamos dizer, tornam-se dramáticas no limiar deste século, e que, provavelmente, estender-se-ão por anos a fio.¹ Essas mudanças são resultado, às vezes como consequência, às vezes paralelamente ou mesmo independentemente, da conturbada história dos séculos XIX e XX, primeiramente no mundo ocidental: guerras napoleônicas (1803-1815), guerra russo-persa (1804-1813), declínio progressivo e irreversível dos impérios português (1822) e espanhol (1806-1826), consolidação, em parte às expensas deste, da nação americana, emergência do império inglês, com o consequente desenvolvimento do comércio mundial, maculado pelo acobertamento oficial da pirataria, guerras da independência da Itália (1848-1866), guerras franco-prussianas (1870-1871), e, já no século XX, a Guerra Européia ou Primeira Grande Guerra (1914-1918), seguida da guerra civil espanhola (1936-1939), a qual serviu de laboratório para testar as armas da guerra mundial de 1939-1945, e que haveriam de evoluir para um poder mortífero cada vez maior (armas atômicas, que arrasaram Hiroshima e Nagasaki) e toda a coorte de massacres, deportações e genocídios, que envolveu os cinco continentes, resultando na divisão do mundo em dois grandes blocos antagônicos, o desmoronamento do império soviético, a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria (1989),...

Quando tudo parecia indicar que o mundo entraria num período de paz, novas guerras surgem aqui e acolá. Só para dar uma idéia do espírito de paz e fraternidade da humanidade hoje, vejamos algumas das guerras e conflitos diversos, com seus desdobramentos correspondentes, que tiveram início na segunda metade do século passado... e que, ainda, não terminaram, no fim do documento.² Temos, assim, uma triste confirmação, da visão de Foucault (1996), que afirma que:

[...] a visão histórica se desloca, em grande parte, das vastas unidades descritas como 'époças' ou 'séculos' para a identificação de 'fenômenos de ruptura', o que traz à luz uma visão de contingência, temporalidade e dependência e/ou inter-relação dos acontecimentos, do mundo objetivo e de suas representações.

Após definirmos o significado que, neste trabalho, atribuímos a alguns conceitos básicos – inclusive o próprio conceito de filosofia – e de levantar alguns questionamentos, apresentaremos alguns objetos de estudo comuns à filosofia e à ciência da informação, trazendo à luz algumas linhas de pensamento da filosofia contemporânea, situando ao mesmo tempo, em breves notas, seus representantes no contexto temporal-espacial e sócio-cultural em que se apresentam, destacando, também quando for o caso, outros nomes e outros fatos que sobre eles influiriam ou que deles receberam alguma influência ou, ainda, que contra eles de algum modo se manifestaram.

Adiantamos que nosso foco será tratar de mostrar como o pensar filosófico, ao direcionar suas reflexões para as atividades correntes da ciência da informação, pode abrir, a esta, novos horizontes em suas áreas de atuação, especialmente quando se trata de lidar com volumes crescentes de informações. A compreensão do valor significativa da linguagem, e de sua importância representacional, podem levar à otimização dos processos de análise, organização e uso da informação, e a uma aproximação do cerne da ciência da informação, em escala planetária.

Trata-se, enfim, de compreender como a ciência da informação, com um perfil ampliado, que parece ganhar contornos cada dia mais claros, deveria ser a alavanca que, apoiada no sólido fulcro do tratamento inteligente da informação – resultado de uma reengenharia baseada no pensamento contemporâneo –, ajudaria a tornar realidade o sonho da sociedade da informação, do conhecimento, da cultura, da cidadania e da justiça, diminuindo

progressivamente o abismo que hoje separa os mais abastados das imensas maiorias dos excluídos.

2. Alguns conceitos-chave

Nesta Seção, trataremos de clarificar os sentidos que daremos a alguns conceitos que devemos usar em nossas reflexões, quais sejam: filosofia, universais, ciclo documentário ou espiral do conhecimento, comunicação, informação.

2.1 É possível definir filosofia?

Começemos com uma demonstração de como os conceitos que se escondem por trás de muitas palavras e expressões que usamos em nosso dia-a-dia podem variar no transcurso do tempo. Para tanto, escolhemos algumas definições da Filosofia, extraídas de uma pequena amostra de dicionários e enciclopédias, adiantando que com outras amostras igualmente variadas em seus componentes, a descoberta para os que no sabiam, ou a confirmação pra os que já sabiam – ou suspeitavam – que “*as palavras ficam, seus significados mudam*”⁴, seria a mesma.

Consideremos, em primeiro lugar, o *Petit Larousse* (1929), que juntamente com sua própria definição, transcreve a definição de Descartes⁵:

Filosofia s.f. (de *filósofo*) Estudo racional do pensamento humano, do ponto de vista do conhecimento e da ação. “... essa palavra filosofia significa o estudo da sabedoria⁶, e por sabedoria não se entende somente a prudência nos negócios, mas um conhecimento perfeito de todas as coisas que o homem pode saber...” (Descartes).

Observe-se que na definição do *Petit Larousse*, o significado primígeno de ‘*filos*’ (amigo, amante) foi substituído por ‘estudo’, o que não é a mesma coisa. Quanto à definição de Descartes, não se pode imaginar que seja unanimemente aceita nos dias de hoje.

Comparemos essa definição com outra, mais recente, do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja – Larousse* (2006):

Filosofia s.f. (lat. *philosophia*) **1.** Conjunto de estudos teóricos sobre princípios fundamentais do conhecimento, pensamentos e atos humanos, integrado numa doutrina ou sistema. [...]

Poder-se-ia pensar que a *Maison Larousse*, prefere o estudo à amizade e/ou amor.

Na edição brasileira do *Webster Encyclopedic Dictionary* (1973), encontramos:

Filosofia L. *philosophia* < Gr. *philosophia* < *philosophos*. O amor ou busca da sabedoria; o estudo da ciência das verdades ou princípios que sustentam todo conhecimento; qualquer uma dos três ramos ‘filosofia natural’, filosofia moral’ e ‘filosofia metafísica’.⁷ [...]

O *Webster* nos indica que na antiga Grécia já existia a palavra ‘filósofo’ da qual foi derivada, provavelmente na França, no século XIV, já na sua forma latinizada.

O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1971?) define filosofia nos seguintes termos:

Filosofia (*philosophia*) s.f. Ciência geral dos princípios e causas, ou sistemas de noções gerais sobre o conjunto das coisas; esforço para generalizar, aprofundar refletir e explicar; sistema de valores, força moral e elevação do espírito com que o homem se coloca acima dos preconceitos: *sabedoria*.

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986) reza:

Filosofia [Do gr. *philosophia*, amor à sabedoria, pelo lat. *Philosophia*] s.f. *Filos*. Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora ‘realidade suprema’, ora ‘causa primeira’, ora ‘fim último’, ora, ‘absoluto’, ‘espírito’, ‘matéria, etc.,etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão? o conhecimento? a consciência? a reflexão? que é explicar? provar? que é uma causa? um fundamento? uma lei? um princípio? etc., etc.) tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo de sua história, em razão da proeminência que cada filósofo atribui a qualquer daqueles temas, o pensamento filosófico vem se cristalizando em sistemas, cada um deles com nova definição da filosofia.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), encontramos:

Filosofia s.f. (s.XIV cf. Fich IVPM) **1.** FIL amor pela sabedoria, experimentada apenas pelo ser humano consciente de sua própria importância (segundo autores clássicos, sentido original do termo atribuído ao filósofo grego Pitágoras (s.VI a.c.). **2.** FIL no *platonismo*, investigação da

dimensão essencial e ontológica do mundo real, ultrapassando a mera opinião irrefletida do senso comum que se mantém cativa da realidade empírica e das aparências sensíveis. **3.** FIL No âmbito das relações com o conhecimento científico, conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído de forma direta e indispensável para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos destes ramos do saber. **4.** FIL na dimensão metafísica, conjunto de especulações teóricas que compartilham com a religião a busca das verdades primeira e incondicionadas, tais como as relativas à natureza de Deus, da alma e do universo, divergindo entretanto da fé por utilizar os procedimentos argumentativos, lógicos e dedutivos. **5.** FIL no âmbito da relação entre teoria e prática, pensamento inicialmente contemplativo em que o ser humano busca a si mesmo e à realidade circundante, e que irá determinar em seguida, o seu caráter prescritivo ou prático, voltado para ações concretas e suas conseqüências éticas, políticas e psicológicas. [...]

O portal da *Philosophical Society* (2007) apresenta uma reflexão de George Santayana (1932) sobre o que é filosofia sob o título “*What Philosophy Is*”, que apresentamos a seguir:

O que é filosofia. Qualquer homem inteligente pode, em algum momento, ver a verdade em forma de flashes; qualquer cientista pode, pela sua vez, apresentar o expressar alguns aspectos da verdade usando palavras técnicas; entretanto, tudo isso dificilmente pode ser chamado de filosofia, enquanto o coração permaneça insensível e nós continuemos vivendo como animais perdidos no turbilhão de nossas impressões, não só nas rotinas e preocupações de nossa vida visível, mas também em nossos pensamentos e afetos silenciosos.

O mesmo portal nos remete a um excerto sobre filosofia, traduzido a seguir:

Filosofia. A palavra grega *sophia* é geralmente traduzida como ‘sabedoria’ e o termo derivado ‘filosofia’ como ‘amor à sabedoria’. Mas *sophia* tem um leque de aplicações muito mais amplo que a palavra ‘sabedoria’. Em qualquer âmbito que se faça uso da inteligência – assuntos práticos, mecânica, artes, negócios – há espaço para *sophia*. Homero utilizava o termo para se referir às habilidades de um carpinteiro (*Iliada* XV, 412). [...] Heródoto usava o verbo *philosophhein* num contexto em que significa simplesmente o desejo de descobrir (*Historia* I, 30). Em resumo, *philosophia* tem uma conotação etimológica de desejar exercer uma curiosidade intelectual. Apesar de tudo, os filósofos parece que mostraram, com certa frequência, uma inclinação a estreitar os limites da palavra ‘filosofia’, enquanto, na linguagem popular, nunca perdeu completamente seu sentido original mais amplo.

O *Free Dictionary* (2007) inclui sob o termo filosofia, na entrada ‘filosofias’, os seguintes tópicos:

Filosofias: **1.** Amor e procura da sabedoria por meio do intelecto e autodisciplina moral; **2.** Investigação da natureza, causas ou princípios da realidade, conhecimento ou valores baseados no raciocínio lógico preferentemente aos métodos empíricos; **3.** Um sistema de idéias baseado na ou implicando a referida procura {p. ex.: a filosofia de Hume}. **4.** A análise crítica dos pressupostos ou crenças fundamentais. **5.** As disciplinas oferecidas nos currículos universitários de ciências e artes liberais, exceto medicina, direito e teologia. **6.** A disciplina que inclui lógica, ética, estética, metafísica e epistemologia. **7.** Um conjunto de idéias ou crenças relativas a um determinado campo ou atividade. **8.** Um sistema de valores vivido {p. ex.: uma filosofia de vida particular}.

Enfim, a *Wikipedia* (2007) define filosofia nos seguintes termos:

Filosofia é a disciplina que se ocupa de questões relativas ao comportamento (ética), aos fundamentos da existência das coisas e à sua natureza essencial (metafísica), ao estudo do que é o conhecimento genuíno (epistemologia), e dos princípios corretos do raciocínio (lógica).⁸

Lembra a *Wikipedia* a etimologia grega (*phílos*, amigo ou amante) e (*sophia*, sabedoria), e observa que, embora seja controversa a tentativa de apresentar uma definição simples de filosofia e, ainda, seu escopo tenha se expandido e mudado com o tempo, parece haver certo consenso em considerar a filosofia mais como método que como um conjunto de enunciados, proposições ou teorias. A pesquisa filosófica deve se alicerçar na razão, evitando as suposições gratuitas e os ‘pulos’ pretensamente fundamentados na fé ou em simples analogias. Enfim, a *Wikipedia* observa, também, que a filosofia não é patrimônio exclusivo da cultura ocidental, e que outros pensadores do próximo e do extremo Oriente têm influenciado significativamente, com suas notáveis contribuições, a evolução do pensamento ocidental.

Como se vê, nas definições acima, há para todos os gostos. Mesmo com algumas coincidências, a diversidade das abordagens sobre o que é a filosofia, seu escopo, seus limites, as diferenças são patententes.⁹ Assim sendo, para fins de aproximação da filosofia e da ciência da

informação, não escolheremos nenhuma dessas definições, preferindo, pela sua simplicidade e abrangência, a abordagem de Deleuze¹⁰ e Guattari (1991):

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos, A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. O amigo seria o amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade de seu criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência.

Os autores prosseguem, adiantando uma visão que será do maior interesse para nossas reflexões:

Não se pode objetar que a criação se aplica preferentemente ao sensível e às artes, já que a arte faz existir entidades espirituais e que os conceitos filosóficos são também “*sensibilia*”. Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, embora seja atribuição exclusiva da filosofia a criação de conceitos no sentido estrito.

E, mais adiante, acrescentam:

Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: “[...] os filósofos não devem mais se contentar em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que comecem por fabricá-los, criá-los, apresentá-los e persuadir os homens a recorrerem aos mesmos. Em suma, até o momento, cada um acreditava em seus conceitos, como se fossem um dote milagroso vindo de algum mundo igualmente milagroso”, mas é preciso substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, especialmente se não foi ele quem os criou (Platão (~ 428-348 a.c.) bem sabia isso, embora tivesse ensinado o contrário...). Platão dizia que era necessário considerar as Idéias [com cuidado], mas foi necessário que ele criasse antes o conceito de Idéia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou conceito algum, ele não criou seus conceitos.¹¹

Na filosofia de Deleuze, o conceito é uma singularidade, não um ‘universal’¹², e se conecta a outros conceitos em um “plano de imanência”¹³ traçado, de certa forma, por cada filosofia particular.

Lembrando uma frase do filósofo espanhol Ortega y Gasset¹⁴, extraída de seu curso intitulado “¿*Qué es filosofía?*”, ministrado na Universidade de Madri na terceira década do século passado e publicado postumamente (1991), em que diz: “...*penso que a cortesia do filósofo é a clareza*”, vamos tecer algumas considerações, em linguagem mais simples, sobre as relações – não sempre pacíficas – entre filosofia e ciência.

Os conceitos em ciência são, também, de fundamental importância e contribuem a integrar observações e experiências em hipóteses e teorias. Ciência e filosofia caracterizam-se pela rejeição de opiniões sem fundamentação comprovada, sejam elas pessoais ou aceitas coletivamente (preconceitos, afirmações dogmáticas, etc.). Dentre as diferenças entre ambas, pode-se assinalar o uso pela ciência de métodos quantitativos para firmar seus conhecimentos sobre fatos, enquanto a filosofia privilegia valores (ética, moral).

Durante longos períodos históricos, até o século XVII, pode-se dizer que filosofia e ciência caminharam juntas, sendo possível para um pensador dominar o conjunto de conhecimentos e saberes científicos e filosóficos.¹⁵ A partir do século XVIII, as descobertas científicas se desenvolvem com velocidade crescente, e ciência e filosofia começam a se firmar como disciplinas cada vez mais independentes à medida que cresce com maior rapidez o número de cientistas que especulam sobre temas filosóficos. No século XIX o pensamento filosófico vê nascer novas ramificações que se consolidariam em novas ciências (psicologia, sociologia, antropologia) enquanto a ciência, com novas linguagens matemáticas cada vez mais complexas, começa a esquadriñar os princípios da matéria, da vida e do cosmos. A industrialização cresce e se espalha, e a tecnologia abre caminho a passos longos. Em meados do século XX uma nova ruptura, apoiada na informática e nos avanços da comunicação, abre a porta da sociedade da informação em escala planetária.

Poder-se-ia dizer, como resumo um tanto reducionista, que à filosofia cabe o ‘quê’ e o ‘porquê’, à ciência o ‘como’, e à tecnologia o ‘para quê’.

Para compensar a inquietação resultante da dúvida que paira sobre todos nós sobre o futuro conflitante que resulta da conjugação, até agora incontrolada, da globalização e da esperança da informação para todos, lembremos, após as numerosas referências a dicionários e enciclopédias em que se apóiam estas considerações, a “*Ode ao Dicionário*”, da autoria de Pablo Neruda:

Dicionário, não és / tumba, sepulcro, féretro, / túmulo, mausoléu, / senão preservação,
/ plantação de rubis, / perpetuidade vivente / da essência, / silo do idioma.

2.2 Novos universais filosóficos

Deleuze (*op. cit.* 1991), faz referência a três novos universais filosóficos, quais sejam: a reflexão, o discurso e a comunicação. Trocando essas palavras por outras equivalentes ou estreitamente associadas, como, por exemplo, conhecimento, formalização/codificação oral ou escrita e difusão/divulgação/transferência, temos uma síntese do processo de transferência do conhecimento, que, como veremos, se enquadra em ou se relaciona com o ciclo documentário. Com efeito, o processo inicia-se, num momento dado, a partir do conhecimento de um pesquisador, cientista ou pensador, que, como resultado de estudo ou pesquisa experimental, após a devida reflexão, foi assimilado e encontra-se armazenado em seu cérebro. Se o dono desse conhecimento decide divulgá-lo, será possível fazê-lo mediante o uso da palavra (discurso, discursar), utilizando o código lingüístico apropriado, sendo, assim, comunicado quer em forma oral, quer em forma escrita/impressa, ou ainda em meio digital ou, ainda, publicado numa revista ou veiculado via internet, com o qual, um número significativo de pessoas poderá tomar conhecimento das idéias do primeiro, enriquecendo seus próprios conhecimentos.

Assim, se estabelece um ciclo de comunicação e intercâmbio de conhecimentos, como mostra a *Figura 1*.

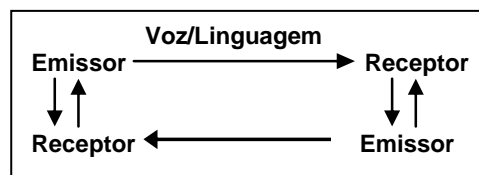


Figura 1

A *Figura 2* representa um esquema de comunicação mais complexo, com inclusão de vários dispositivos de codificação/decodificação.

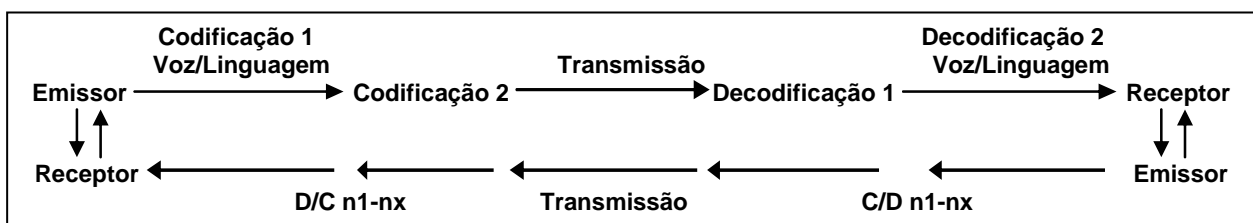


Figura 2.- D/C n1-nx : decodificador/codificador (1-n); :- C/D n1-nx : codificador/decodificador (1-n)

Convém observar que, nesses processos (ou ciclos) de comunicação/intercâmbio de conhecimento, poder-se-ia inserir o conjunto de operações que integram o ciclo documentário, ou seja, o processamento completo dos diversos tipos de documentos e de registros do conhecimento (descrição física e temática, indexação, armazenamento físico ou em meio digital, busca e recuperação de dados e informações, reuso da informação, etc.). Deve-se observar ainda que, de fato, não se trata propriamente de ciclos, pois não se fecham, já que cada novo receptor (usuário potencial), pode, pela sua vez, colocar novos conhecimentos de maior valor agregado no circuito, de modo que mais do que ciclos ou círculos o que temos é uma espiral que a cada volta aumenta seu raio, como aumenta o valor da informação ou do

conhecimento veiculados. É a espiral do conhecimento, da qual voltaremos a tratar, em função de sua importância.

2.3 Informação

Em publicações e comunicações anteriores (Robredo, 2003; 2006), foi discutido, de acordo com fontes recentes, com destaque para a abordagem de Marijuán (1994), o que o termo ‘informação’ poderia significar para nós, dentro da visão atual mais difundida do que é a ciência da informação.

Sendo conhecimento, informação e comunicação conceitos indissociáveis (para nós, cientistas e profissionais da Ciência da Informação), é surpreendente observar a baixíssima frequência com que os filósofos da modernidade e da pós-modernidade utilizam os termos informação e comunicação na formulação de suas reflexões. A questão, em nosso modo de ver, ainda não aprofundada de forma satisfatória, levanta, imediatamente outra dúvida. Será que é possível – como atestam a tradição e a prática filosóficas, desde a Antiguidade até nossos dias – pensar, falar, argüir sobre conhecimento (teoria, aquisição e representação), memória, saber, discurso (estrutura, formalização verbal ou escrita), comunicação, análise do conteúdo dos registros do conhecimento, e outros conceitos correlatos, sem fazer uso do ‘conceito’ de informação? Ou será que ao termo ‘informação’ corresponde realmente um conteúdo necessário?

Se, até muito recentemente, o termo ‘informação’ está ausente do vocabulário filosófico e, se aparece antes no vocabulário científico, é majoritariamente associado ao processo de comunicação (Shannon; Weaver, 1949), ou na linguagem informática, associado ao processamento de dados e informações, sem falar, naturalmente, do uso do termo na mídia, na comunicação de massa, onde o sentido se situa, em geral, fora de nosso escopo.

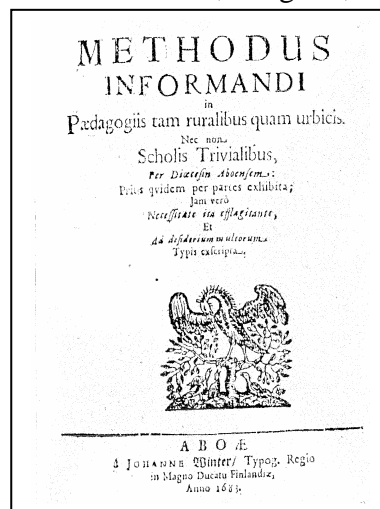


Figura 3

A título de curiosidade encontra-se reproduzida, na Figura 3, uma cópia da capa de uma obra datada de 1683, com o sugestivo título de “*Modus Informandi in Pedagogiis tam ruralibus quam urbicis*”, descoberta durante uma viagem à Finlândia, para participar de um congresso internacional, na Biblioteca da Universidade de Helsinque – se bem me lembro – e que conservo como testemunho do uso bem mais antigo do termo no ensino de temas rurais e urbanos que nada têm a ver com as preocupações filosóficas da época.

Não é intenção deste trabalho polemizar sobre esses assuntos. Algumas pistas, que podem servir de ponto de partida para aprofundar as reflexões sobre o 'conceito' e a 'natureza' ('essência'?) da informação, foram apresentadas na publicação acima referida (Robredo, 2003). Resumindo o então exposto, a 'informação' pode ser: registrada, duplicada, transmitida, armazenada, organizada, processada, recuperada. Sim, mas somente quando extraída da mente

e codificada pela linguagem natural (falada ou escrita), seguindo normas e padrões (gramática, sintaxe) próprios de cada língua, ou de outras linguagens criadas pelo homem (linguagens de programação, que também têm suas gramáticas e sintaxes). Há, de fato, um *processo* de transformação do conhecimento (dentro da mente) em 'informação' fora da mente. Então, 'informação' seria o conhecimento 'externalizado', mediante algum tipo de codificação. Observe-se que isso somente se aplica ao conhecimento já existente na mente. Como o conhecimento é adquirido, é outra questão. Aí entra a percepção, o raciocínio, a criação de conceitos, enfim, o conhecimento (dentro da mente), com o qual torna-se ao caso anterior.

Assim, a informação não é uma entidade física, não é um objeto tangível, visível, audível. O que se toca, se vê ou se ouve é o documento escrito, gravado, etc., contendo conhecimento registrado, em geral, mediante um código de representação. Vistas as coisas dessa maneira, compreende-se que a filosofia pôde e continua a poder refletir e discutir *sobre* conhecimento (suas origens, seus tipos, sua confiabilidade em relação a uma 'realidade' objetiva, seu conteúdo de verdade, etc.). Poder-se-ia pensar que o conceito de 'informação' surge quando as máquinas abrem o caminho para ter acesso a todo o conhecimento, que se acumula e cresce com aceleração logarítmica. E, daí para dar uma chancela 'científica' ao manuseio, conservação, organização e uso dos registros do conhecimento, cunhou-se, nos Estados- Unidos o termo 'ciência da informação', para se demarcar dos europeus que já usavam, com o mesmo significado, o termo mais simples de 'documentação'¹⁶, e esquecendo talvez que esse manuseio dos documentos já era praticado havia vários milênios desde os tempos das tabuletas de argila. Ou seja, na Biblioteca de Alexandria, aperfeiçoando processos anteriores, já era praticada a 'ciência da informação', sem se ter consciência do fato.

Então, o conceito de 'informação' aparece estreitamente ligado aos processos de codificação, processamento técnico, em geral, armazenagem, difusão, recuperação e reuso. Ora, se de acordo com Deleuze, o grande papel da filosofia é criar conceitos, parece evidente que alguém deve ter criado o conceito 'informação', tal como o entendemos quando falamos 'documentação' e 'ciência da informação', em toda sua amplitude, abrangendo as práticas revisitadas da biblioteconomia, da arquivologia e da museologia. Esse 'filósofo' só pode ser, ao que todo indica, Paul Otlet, com o concurso de Henri La Fontaine. Já estou antevendo ou, melhor, ante-ouvindo vozes que se levantam para retrucar que Otlet e La Fontaine não inventaram o termo informação, que 'documentação' e 'informação' não são a mesma coisa, etc. Concorro, mas isso é uma questão semântica, já que os dois termos encontram-se inter-relacionados no mesmo plano de imanência (ver acima) onde os limites dos diversos "personagens conceituais" de Deleuze são difusos e contingentes como também a expressão "*information management*", usada bem a propósito por Buckland (ver Nota 16, no final do documento). Por outra parte, a única forma de que dispomos para expressar nossos conceitos é usando palavras (ou suas codificações em outras linguagens), e isso nos leva a constatar o valor semiótico das palavras nos pares palavra-conceito. Pode-se negar que o par documentação-informação nos traz uma espécie de entidade imagética, na qual 'vemos' a tremenda mudança de paradigma provocada pela passagem do processamento técnico bibliotecário da 'unidade' volume ao tratamento 'documentário' do conteúdo temático-informacional da 'unidade' item, qualquer que seja o tamanho deste ou sua existência como unidade independente, ou como unidade embutida numa unidade maior? Não foram as bibliotecas, mas os centros de documentação que começaram a se preocupar com o conteúdo informacional dos artigos que integravam os fascículos das publicações periódicas, ou do conteúdo das comunicações apresentadas em congressos e reunidas em unidades volumes- anais.

O que importa é compreender que, frente à enxurrada de publicações, sejam estas realmente públicas, de difusão restrita, sigilosas ou 'cinzentas', o crescimento é não só

exponencial, mas também cada vez mais complexo (Internet, novos suportes da informação, novos países se incorporando ao desenvolvimento científico e tecnológico, novas línguas usadas na publicação ou na difusão, em geral), onde se misturam informações de grande valor ou oportunidade, com outras de péssima qualidade, ou mesmo direcionadas para fins de propaganda, ou ainda de lavagem cerebral.

Assim, é preciso cuidar para que os documentos entrem nos grandes circuitos de difusão (repositórios institucionais na Internet, bibliotecas, arquivos e museus, com seus acervos em linha dia e noite) devidamente processados, com os pontos de acesso adequados (descritores, palavras-chave, metadados, etc.) que permitam localizar rapidamente o que interessa e filtrar o que não interessa. Essa tarefa não é mais possível a partir de pequenas unidades isoladas, mas através de federações ou consórcios que compartilhem seus recursos (catálogos cooperativos – os ‘*open access catalogs*’ ou, abreviadamente, OPACs’, se preferem falar inglês), acesso livre aos acervos virtuais de todos os membros, da mesma forma que as pequenas unidades produtivas, seja na agricultura, na indústria, nos serviços ou no artesanato só podem sobreviver, crescer, e ... inovar, mediante a organização de cooperativas, federações ou consórcios.

Trata-se de um grande desafio, e por isso é necessário recorrer aos grandes meios e às grandes mudanças, ou seja, à tecnologia em grande escala (cooperação entre profissionais da informação, informáticos, usuários), à reunião de esforços, destacando os interesses comuns (parcerias, cooperativas, federações, consórcios) e às mudanças nas abordagens conceituais para identificar, encarar e resolver os problemas. É justamente aí que o pensar filosófico pode ajudar os demais a identificar, encarar e resolver problemas e desafios.

3. Mais alguns conceitos-chave

Nesta Seção serão abordados os conceitos de ‘verdade’ (filosofia), ‘certeza’ (ciência clássica), ‘incerteza’ (ciência moderna), ‘probabilidade’ (ciências sociais, macro e micro cosmos), completando essas reflexões com outras sobre tempo e espaço, que nos levarão a tecer umas breves considerações complementares sobre o finito e o infinito.¹⁷

3.1 Verdade e certeza

Até pouco tempo atrás – fim século XIX e início do século XX – considerava-se que havia ‘verdades’, imutáveis, eternas, independentes da existência ou não do ser humano (Deus, $2+2=4$, a existência do mundo e do universo, a finitude da vida terrena individual,...). Outras, mediante a percepção, a reflexão e a experiência, podiam ser estabelecidas e enunciadas e aceitas por todos (depois da noite vem o dia e depois do dia a noite volta...) Outras, enfim, estabelecidas através de processos semelhantes, foram aceitas durante um certo tempo e, mais tarde, rejeitadas e substituídas por outras (a terra é o centro do universo, a terra gira em torno do sol, o sol não é o centro do universo...). Entre as primeiras o conceito Deus, Ser supremo é um dogma definido e imposto por uma autoridade (ou seria revelado?). Seja como for, uns acreditam, outros não. Não existe, ao menos por enquanto, possibilidade de demonstrar de forma irrefutável que seja ou não verdade, pois é um conceito que ultrapassa os limites da realidade cognoscível, que transcende nosso mundo físico, ou seja é pura *metafísica*. Nos outros exemplos, a contingência dessas ‘verdades’ já foi demonstrada, ou não é possível demonstrar que eventuais realidades que nos escapam não as tornem também contingentes. Assim, a morte para alguns é uma aparência (reencarnação, ressurreição, imortalidade da alma), mais aí caímos de novo na infranqueável fronteira entre o físico e o metafísico. Ainda, poder-se-ia defender a ‘veracidade’ imutável de que o dia e a noite hão de se suceder hoje, amanhã e sempre, assim como que a terra gire sempre em torno do sol em sua trajetória elíptica (antes se pensou que seria circular). Ledo engano! Bastaria a ‘contingência’ de um asteróide ou um meteoro de velocidade e trajetória e tamanho certos (poderiam ser calculados com um super-computador, ou, talvez, já terá sido feito e o resultado mantido em

segredo) viesse a colidir de raspão com a Terra e lhe arrancasse um bom pedaço, ou batesse em cheio de forma a ficar grudados, as ‘verdades’ do ciclo dia-noite e da trajetória da Terra em torno do sol não o seriam mais. Num caso e outro o resultado seria diferente, mas qualquer que fosse, um hipotético observador, situado fora de nosso sistema solar ou de nossa galáxia poderia dizer: “A Terra já era!” Senão, vejamos: No primeiro caso, o sistema solar ganharia dois novos planetas que se acomodariam como satélites de outros planetas ou estrelas, enquanto o que sobrou da Terra, com uma massa menor, ou seja, com uma atração gravitacional solar diminuída, sairia da trajetória espiral fechada e escaparia, numa nova trajetória espiralóide, circular ou elíptica – pouco importa – se afastando cada vez mais do sol e de seu calor, tornando-se, assim, mais um novo planeta, frio, morto, que se perderia na imensidade do cosmos. No segundo caso, a massa da Terra teria aumentado consideravelmente e, como consequência, a atração gravitacional solar, de forma que a trajetória de nosso planeta também seria rompida, mas, agora, a nova trajetória espiralóide teria seu raio progressivamente diminuído a cada volta, ou seja, se aproximaria cada vez mais do sol e acabaria sendo engolida por este, na forma de um saboroso churrasco sideral.

Se querem saber, já anda circulando pelo espaço um objeto (cometa, planeta, asteróide ou o que for) cuja probabilidade de colisão com a terra, em algum momento, esperamos que longínquo – tal é complexidade das forças que regem a precária harmonia do cosmos – não pode ser descartada *a priori*.

Poder-se-ia dizer, para encerrar o assunto, que ‘verdade’, ‘certeza’, ‘incerteza’, ‘crença’ e ‘probabilidade’ têm, cada uma, seu próprio quintal de aplicação privilegiada. Assim, *grosso modo*: ‘verdade’ (filosofia), ‘certeza’ (ciência clássica), ‘incerteza’ (ciência moderna), ‘crença’ (psicologia) e ‘probabilidade’ (ciências sociais, macro e micro cosmos).

3.2 Tempo e espaço

O tempo existe? Existiu o passado e existirá o futuro. E o presente? O agora? Começo uma frase, começo uma ação. Quando completo uma ou outra, o ‘agora’ do fim levou o começo ao passado, e esse ‘fim’ é o início de outro futuro. Assim, a medida do tempo é subjetiva e as diversas comunidades, desde os tempos mais longínquos, adotaram padrões próprios para ‘contar’ o tempo. Fora de nosso calendário, vários povos contavam o tempo em ‘luas’. E ainda, hoje, os povos do mar, pescadores e ribeirinhos sabem das marés em função das fases da lua. Também, freqüentemente, pequenos agricultores acompanham as fases lunares para escolher os melhores momentos para o plantio.

As necessidades trazidas pelos avanços científicos e tecnológicos exigiram, pela sua vez, a introdução de novos padrões e unidades de medida, a partir das horas minutos e segundos, com seus múltiplos dias, semanas, meses, anos, séculos, milênios e anos-luz, e, noutro extremo, milésimos de segundo, micro-segundos e nano-segundos.

E o espaço? Que é o espaço? Desde tempos imemoriais a idéia de ‘espaço’ é objeto de estudo da filosofia e da ciência. Aí caímos na mesma armadilha de querer definir energia, força, e mesmo informação, que dependem e se comportam em função da realidade do ambiente em que são consideradas. Trata-se de entidades conceituais que, mediante artifícios, que permitem uma aproximação às suas características intrínsecas, podemos, segundo o caso específico considerado, medir, estudar e utilizar em nosso benefício. Eis duas definições conflitantes:

- O espaço faz parte da estrutura fundamental do universo, num conjunto de dimensões em que os distintos objetos se situam, possuem forma própria, e dentro do qual podem se locomover.
- O espaço faz parte de uma estrutura conceitual matemática abstrata fundamental (juntamente com o tempo e a quantidade), dentro da qual podemos comparar e medir a distância entre os objetos, seus tamanhos, formas e velocidades. Desse ponto de vista o ‘espaço’, mais do que uma entidade, seria um contêiner dentro do qual se movem os objetos.

(*Apud* “Wikipédia, the free encyclopédia” URL: http://en.wikipedia.org/wiki/Space#In_philosophy).

Observe-se que, sem objetos (onde, neste caso, pode-se incluir como objeto qualquer observador), não é possível fazer-se nenhuma idéia de espaço. Da mesma forma, o movimento de um objeto, que se mede em função do tempo e do espaço, torna-se inobservável se não há outro(s) objeto(s) como ponto(s) de referência.

3.3 Finito e infinito

Deleuze (*op. cit.*, 1991) afirma que o limite do pensamento é o infinito. Metáfora? Antes de afirmá-lo, vale a pena fazer algumas considerações sobre o infinito, e sobre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, que poderiam fazer pensar que na realidade (ou no surreal?), ambos os extremos (ou será que são mesmo extremos?) se confundem.

Vejam, na *Figura 4*, uma abordagem para apreender um pouco do que é o infinito. Trata-se, simplesmente, de quatro figuras que representam um círculo e uma linha tangente. A diferença entre as três primeiras consiste unicamente em que o raio do círculo cresce um pouco de cada vez, e o ângulo entre a tangente e o arco da circunferência diminui em conseqüência. E a última figura é a mesma coisa, exceto que o raio é infinito, e a tangente e o arco se fundem na unidade absoluta.

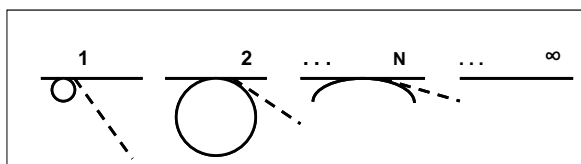


Figura 4

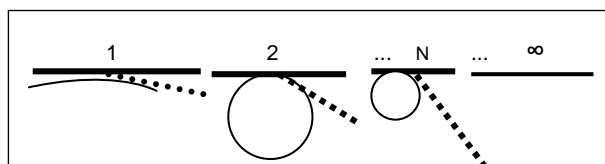


Figura 5

Na *Figura 5*, as coisas acontecem ao contrário. Partindo de um certo tamanho do círculo e, conseqüentemente, do ângulo de tangência correspondente, a medida que o raio diminui, o ângulo de tangência aumenta; quando o raio do círculo se torna infinitamente pequeno, o círculo desaparece, o ângulo se torna infinito e a tangente é uma simples linha que não toca nada. Assim, no infinitamente grande e no infinitamente pequeno, chega-se ao mesmo resultado.

E o espaço? É infinito? De acordo com as idéias de Leibniz (1646-1716) confirmadas pela teoria da relatividade, o espaço é curvo e, segundo Deleuze (1988; *op. cit.* 1991), os planos de imanência se dobram, se dobram de novo, se desdobram e acabam adotando formas que mudam e se transformam, lembrando barquinhos, chapéus, pássaros que mexem as asas, e muito mais, que os japoneses conseguem fazer dobrando e desdobrando um quadrado de papel, no jogo (ou na arte) do Origami. Então, os planos de imanência e o espaço podem se fechar? Talvez, não. Porque se se fecham, não terão possibilidade de crescer, eventualmente, de forma infinita, como os conceitos. A única solução é que o espaço e o que ele contém se curve, sem se fechar. Mas, como pode? Simples: enrolando-se em espiral, ao tempo que se dobra e se desdobra em formas infinitas.

De novo a espiral? Mas, o que isso tem a ver com a nossa ciência da informação? Antes de tentar responder, vamos especular um pouco sobre a espiral e seus misteriosos arcanos. E, aí, retomaremos o caminho que nos levará à conclusão de que filosofia e ciência da informação têm muito mais a ver do que se imagina.

3.4 Algumas especulações que, em princípio, nada têm a ver com o anterior. Ou têm?

Já falamos de espirais nas seções anteriores: espiral do conhecimento, órbitas planetárias que se abrem em espiral, curvatura do espaço, e dobras e redobras do espaço e dos planos de imanência em possíveis espirais. O conceito de espiral se constitui numa obsessão para a humanidade desde os tempos mais remotos. Ortega y Gasset (*op.cit.*, 1991), comentando que os caminhos de pensar filosófico não seguem um traçado em linha reta, mas que avançam numa forma mais ou menos labiríntica, que segue uma trajetória em espiral até desembocar no ponto central, no foco onde tudo converge, lembra a história bíblica da

conquista de Jericó (9.000 a 11.000 anos a.c.) – mostrando que não somente a filosofia, mas também a arte da guerra, usam a espiral para chegar a seus fins – nos seguintes termos:

[...] em filosofia não costuma ser a linha reta o caminho mais curto. Os grandes temas filosóficos só se deixam conquistar quando são tratados como os hebreus trataram Jericó – indo na sua direção em círculos concêntricos cada vez mais estreitos e insinuantes. Por isso, todos os assuntos em que toquemos, [...] reaparecerão uma vez e outra em círculos posteriores de raio mais estreito e exigente.

O mais notável que, se no domínio, ainda a ser explorado, do pensamento, este segue um caminho espiralóide, no domínio extremo do desconhecido – entenda-se o universo – as galáxias também adotam a estrutura espiral, como mostra a *Figura 6* (de uma fotografia da *Via Láctea*, obtida pela NASA, apud *Wikipédia*, 2007). Trata-se de uma estrutura que segue fielmente o modelo da ‘*espiral logarítmica*’, cujo princípio foi estudado e descrito com todo detalhamento por Arquimedes (~ 287-312 a.c.). A *Figura 7* representa o princípio da construção da espiral logarítmica a partir do ‘triângulo áureo’¹⁸ e a *Figura 8*, um caracol.



Figura 6.- Via Láctea.

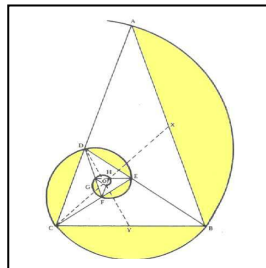


Figura 7.- Espiral.



Figura 8.- Caracol comum europeu.

Observe-se que, sobre esta questão de espirais (junto com suas irmãs, as hélices, fundamento das mil formas de parafusos e das hélices que permitiram ao homem voar pela primeira vez), assim como em outras questões aproveitadas e exploradas com proveito pela ciência e a tecnologia, nos deparamos com o fato de que conhecemos como se forma uma espiral, e possuímos fórmulas matemáticas que nos permitem fazer todos os cálculos imagináveis para nos beneficiarmos de novas aplicações. Mas não sabemos o porquê, no cosmos (galáxias) e na natureza (caracóis, ‘*amonites*’, ‘*nautilus*’...), nos deparamos com espirais por toda parte.

4. O desafio da ciência da informação.

Esse desafio é uma mistura cada vez mais complexa de vários problemas parciais.

Problema parcial 1: Grandes volumes de documentos (registros os mais variados de conhecimentos e saberes, também os mais variados), que crescem com velocidades/acelerações, também, crescentes.

Problema parcial 2: A codificação do conhecimento registrado, para torná-lo suscetível de ser comunicado, armazenado, processado, recuperado, usado, agregado a outros(as) conhecimentos/informações, reusado, etc., passa pela(s) linguagem(ens) natural(ais) e/ou pelas língua-gens/metalinguagens artificiais, ‘compreensíveis’ pelas máquinas devidamente programadas. Até que ponto nossa(s) linguagens naturais ou artificiais representam de maneira fidedigna os conceitos, os conhecimentos, os saberes? Línguas comparadas; polissemia, sinonímia, etc. “Minha linguagem é o limite de meu mundo” (Wittgenstein, 1953).

Problema parcial 3: Datação. Evolução dos significados com o tempo. Perigo de citações de traduções sem informar a data do original, às vezes com decalagens de cinco, dez, quinze, vinte anos, o que pode induzir os leitores a pensar que as reflexões ou conclusões do autor citado são contemporâneas, quando, de fato, são velhas e, talvez ultrapassadas.

Problema parcial 4: O conhecimento e o saber, e seus ramos não são compartimentados nem estanques, como podem nos fazer crer as atuais estruturas acadêmicas, herdeiras da

‘Universidade de Berlim’, divididas em Faculdades, Institutos, Departamentos, etc. Pelo contrário, os conhecimentos se cruzam, se fecundam e se enriquecem com a multi-, inter- e trans-disciplinaridade. O bom especialista não é aquele que sabe de uma coisa só, mas o que aplica o máximo de conhecimentos de outras áreas ao estudo de um tema, ou à resolução de um problema..

Problema parcial 5: Passar da escala pontual, local à escala global, planetária.

5. Como pode ajudar a reflexão filosófica?

A cada problema, uma solução:

Solução parcial 1: A solução passa pelo uso maciço das tecnologias da informação e da comunicação, na implementação de sistemas automáticos (ou, melhor, ‘auxiliados pelo computador’) de análise e indexação de textos, que só funcionarão a contento se planejados e desenvolvidos conforme rigorosos e complexos padrões alicerçados em sólidas bases conceituais inspiradas na inteligência artificial e nos sistemas especialistas (*Figuras 10 e 11*).

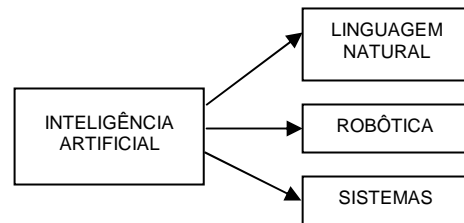
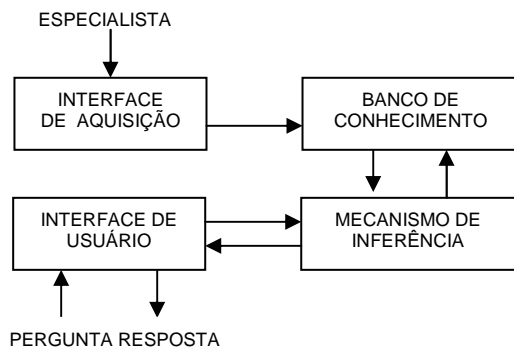


Fig. 10.- Esquema simplificado de um sistema especialista Fig. 11.- Grandes áreas da inteligência artificial

Os processos de indexação requerem a revisitação e a reengenharia dos tesouros e outros léxicos, com a formação automática e a exploração prática de agrupamentos (*clusters*) temáticos (mapas de tópicos, ontologias, etc.), como mostra a *Figura 12*. Também, agrupamentos de sinônimos podem ajudar bastante (o usuário utiliza o termo de busca que lhe passa pela cabeça e a máquina dá a resposta para esse termo e seus sinônimos). A identificação automática de radicais significativos, eliminando as diferenças mórficas resultantes de desinências e flexões, também facilitam a recuperação, aumentando a revocação (*recall*). Informática, lingüística e infometria abrem novos caminhos.

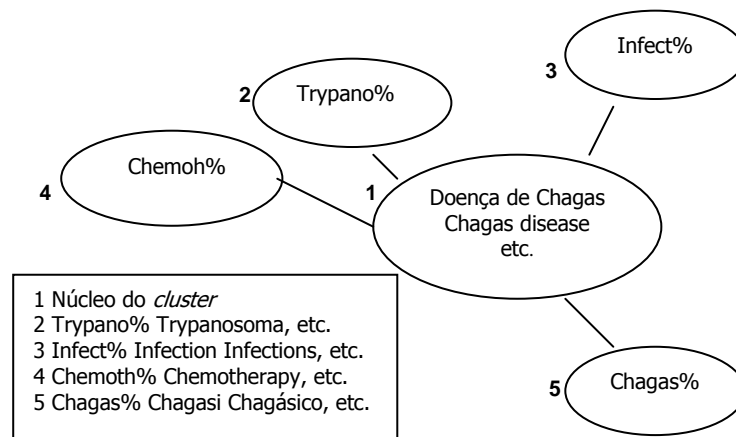


Figura 12.- ‘Cluster’ temático com truncagem dos termos (Robredo, 2007).

Solução parcial 2: Requer uma revisão rigorosa dos diversos significados da expressão ubíqua ‘arquitetura da informação’, aplicada a todas as etapas do processamento da

informação, partindo da modelagem dos dados na entrada (descrição física e temática dos suportes da informação registrada, metadados, tags, HTML, XML, RSS, interoperabilidade, etc.), passando pela organização e armazenagem de dados e informações (sistemas relacionais, linguagem de modelagem universal (*universal modeling language – UML*), organização em camadas (armazenagem, transações lógicas, aplicações), até chegar à busca e recuperação, interface usuário-sistema (Linguagem de consulta estruturada (*structured query language – SQL*), motores de busca, usabilidade, etc.). Ciência da informação, ciência da computação/informática e artes visuais se aliam, com fronteiras cada vez mais tênues.

Solução parcial 3: Normas globais universalmente aceitas de referência, citação, etc. são indispensáveis.

Solução parcial 4: Para efeito de representação e organização do conhecimento e do saber, é conveniente organizar os vocabulários, léxicos, tesouros, etc. por domínios. Trata-se, sem querer com isso voltar a uma compartimentalização artificial, que deverá ser superada, de aproveitar as possibilidades que a informática oferece para atualização automática dinâmica com indicação da frequência de ocorrência dos descritores/palavras-chave na base de conhecimento, assim como da probabilidade de co-ocorrência das associações binárias entre termos (descritores, palavras-chave), bem como da frequência com que os termos foram utilizados, na formulação de estratégias de busca. A seguir, uma reflexão sobre termos e significados: Os filósofos distinguem ‘razão teórica’ (conhecer o quê) e ‘razão prática’ (conhecer como). O interesse da epistemologia está voltado principalmente para o conhecimento teórico. Essa distinção é reconhecida em numerosas línguas, mas não na língua inglesa (*Quadro 1*). Será o alemão a língua ideal para se expressar filosoficamente? O fato é que os filósofos de língua alemã, dos séculos XIX e XX (Hegel, Heidegger, Gadamer, Wittgenstein, etc.) são, provavelmente, os que mais se têm aproximado do pensamento grego profundo, com suas nuances às vezes difíceis de transpor às outras línguas. Talvez, a palavra ‘*Erkenntnis*’ – da mesma raiz que ‘*erkennen*’ – seja a que melhor expressa o sentido platônico de conhecimento visto como uma simbiose ou misto de certezas e verdades, como frisado anteriormente.

Quadro 1

Expressão	Língua	Equivalente inglês	Equivalente alemão
conocer (una persona)	espanhol : conocer	to know (a person)	kennen
connaître (une personne)	francês: connaître	to know (a person)	kennen
conoscere (una persona)	italiano: conoscere	to know (a person)	kennen
conhecer (uma pessoa)	português: conhecer	to know (a person)	kennen
saber (como hacer una cosa)	espanhol: saber	to know how (to do something)	wissen
savoir (comment faire une chose)	francês: savoir	to know how (to do something)	wissen
sapere (come fare)	italiano: sapere	to know how (to do something)	wissen
saber (como fazer uma coisa)	português: saber	to know how (to do something)	wissen
---	---	---	erkennen [*]

[*] Sem equivalente nas outras línguas; implica um processo em que o sujeito passa de um estado de conhecimento a outro (do estado de não conhecer a um estado de conhecimento verdadeiro).

Outro problema é a escolha das palavras, em diversas línguas, que representariam um determinado conceito, o que, se não for bem feito, pode levar a resultados espantosos na tradução de uma língua para outra, ou na análise do conteúdo de um texto, numa língua estrangeira. Vejamos o caso da tradução da obra de Hegel “*Phenomenologie des Geistes*”, na sua forma original alemã, para outras línguas: inglês: “*Phenomenology of Spirit*” ou, também, “*Phenomenology of Mind*”; português: “*Fenomenologia do Espírito*”; espanhol: “*Fenomenología del espíritu*”; francês: “*Phénoménologie de l’esprit*”. O exemplo acima parece indicar que ‘*Geist*’ teria em inglês o duplo significado de ‘*mind*’ e ‘*spirit*’ (ou estes

seriam sinônimos?). Cabe uma dúvida já que *'mind'* e *'spirit'*, se sinônimos, o que fazemos com os termos paralelos mente e espírito em outros idiomas, onde estes não são sinônimos, e todos traduzem *'Geist'* como espírito, que significa alma? Poder-se-ia ter falado de fenomenologia da mente, ou mental? Cuidado!

O francês não poderia fazê-lo, pois, embora possua o adjetivo mental – da mesma raiz latina que mente nas outras línguas – não possui o substantivo relacionado, e por isso traduz *'Geist'* como *'esprit'*, na forma adjetival *'de l'esprit'* com o significado de 'próprio da alma', com igual sentido que *'spirituel'* (*'esprit'* e *'spirituel'* derivam ambos do latim *'spiritus'*). Quanto ao adjetivo *'mental'*, em francês, como nas outras línguas latinas, significa 'relativo à mente' ou ao 'intelecto' (a expressão 'restrição mental' significa a mesma coisa em todas as línguas latinas, e não tem nada a ver com a alma ou o espírito). Então, a tradução inglesa "*Phenomenology of Mind*" estaria errada?. Não o posso afirmar; não posso especular sobre as sutilezas da língua inglesa nos tempos de Hegel. O que, sim, posso dizer é que, nos tempos atuais, fala-se, em português ou em espanhol de *'filosofia da mente'* ou do *'problema mente-corpo'*, os ingleses falam, respectivamente, de *'philosophy of mind'* e *'mind-body problem'*. Pela sua vez, os alemães mantêm a tradição com *'Philosophie des Geistes'*, inovando, ao mesmo tempo, com *'das Leib-Seele Problem'* (o problema 'corpo-alma') e introduzindo a expressão *'die kognitive Neurowissenschaft'* (a *'neurociência cognitiva'*). Quanto aos franceses, sempre cartesianos, continuam falando de *'philosophie de l'esprit'* e de *'problème corps-esprit'*. Poder-se-ia pensar que alemães e franceses, após tantos anos de guerras, estão se aliando no esforço de preservar – ao menos por enquanto – a ambigüidade de *'Geist'* e *'esprit'*. Desejamos boa sorte aos indexadores e analistas de conteúdos, num mundo globalizado e multilíngüe.

Solução parcial 5: Mesmo se bibliotecas (públicas, acadêmicas, especializadas, infantis, etc.), centros de documentação e arquivos, se bem geridos, têm, ao que todo indica, longa vida pela frente (preservação da memória, centros de encontro e aproximação entre pessoas, incentivadores de eventos culturais, promotores da inclusão social, tecnológica e informacional das camadas menos favorecidas, e muito mais) é um fato que a globalização, o barateamento progressivo dos computadores pessoais, dos *laptops* e *notebooks*, a Internet com ou sem fio ou, ainda, de banda larga, estão contribuindo para a derrubada de muros, de muralhas e fronteiras. Essa onda, se bem aproveitada, pode contribuir de forma decisiva à diminuição das diferenças sociais, econômicas e culturais.

6. Conclusão

Do exposto acima, poder-se-ia concluir quanto à necessidade de se redefinir a missão do bibliotecário nesse mundo globalizado e multilíngüe. Dizemos redefinir, porque na primeira metade do século XX, pela primeira vez, na história moderna, o filósofo Ortega y Gasset – aliás, também sociólogo –, orientou suas reflexões à busca de uma caracterização, ou identificação do que seria a missão do bibliotecário, num mundo em que as bibliotecas estavam começando a enfrentar as conseqüências da crescente enxurrada da produção de obras impressas, o que começava a exigir uma mudança de paradigma na organização e gestão dos acervos:

A missão do bibliotecário seria, não como até agora, o mero manuseio do livro como um objeto, mas uma *"mise au point"* (atualização) [do conceito] de livro como uma função vital. Aqui, pois, situa-se o ponto em que eu vejo a missão do bibliotecário se elevar até uma altura incomparavelmente mais alta que todas as anteriores. Até o presente, o bibliotecário tem se ocupado preferentemente com o livro como coisa, como objeto material. A partir de agora, ele deve prestar atenção ao livro como função viva.

(Trad. do texto inglês de IFLANET; ver Nota 14, no final do artigo.)

De igual forma, quando, no momento atual, o pensamento científico avança com velocidade crescente e, para validar seus pressupostos, precisa recorrer a tecnologias cada vez mais avançadas, as quais, ao mesmo tempo que comprovam a 'verdade' das especulações – ao

menos enquanto não surgem hipóteses mais avançadas – mostram os pontos fracos dos pressupostos primeiros ou apontam para novas especulações e novas hipóteses. Estas tomam o lugar das anteriores e exigem novos avanços tecnológicos, que, pela sua vez, ... repetem o ciclo ou, melhor, a espiral da inovação. Assim, a missão do bibliotecário – passaria a ser tratar as fontes de informação e do conhecimento tanto ‘virtuais’ como ‘reais’ com entidades vivas, com capacidade de ensinar e de ensinar a apreender e a conhecer. Aí, o bibliotecário, que lidava com livros agora haverá de lidar com todos os tipos de fontes e, como sua missão é também social, deverá aprender a ensinar aos leitores/usuários a aprender a usar os novos recursos cada dia mais tecnológicos, embora, também, cada dia mais fundamentados cientificamente e mais em harmonia com novos modos de pensar, mais críticos, mais realistas, mais conformes com o que queremos fazer de nós mesmos e todos nós. Observe-se que, no fundo, mas cada dia mais evidente, a gigantesca ‘cruzada’, ou melhor, a grande empreitada – para evitar qualquer interpretação duvidosa – promovida pela IFLA, a Unesco, a OCDE e a União Européia, sob a denominação de ‘*information literacy*’ (competência informacional, ou competência informacional e tecnológica, etc.), é isso aí: Deixar de ser só guardião, servidor, intermediário, facilitador, etc. para se tornar ‘motor’ vivo e flexível do ensino de como fazer, de como aprender a fazer sozinho, e de como apreender a acompanhar a evolução do como e do para quê, apreendendo, também, a fazer as boas perguntas aos sistemas mais ou menos remotos, que não falam, mas respondem, de forma que as imensas riquezas de informação hoje disponíveis, devidamente filtradas de forma crítica e objetiva do lixo e do inútil, possam ser encontradas e usadas da melhor maneira possível.

É obvio que, *mutatis mutandi*, outras novas missões poder-se-iam propor – seguindo a linha de Ortega y Gasset, que qualificou a biblioteconomia como ‘ofício’ (atividade necessária e arte de fazer), para os outros ‘ofícios’ da ciência da informação: arquivologia e museologia. Guardadas, é claro, as características comuns e respeitando as diferenças que lhes são próprias.

Não é mais possível deixar de perceber que o crescimento da tecnologia implica níveis de complexidade cada vez maiores, o que exige ferramentas, também cada vez mais complexas, para resolver os problemas e entrar nas espirais do conhecimento e da inovação, ou seja, novas habilidades e competências ou novas abordagens par as habilidades ou competências existentes. Certamente, não será todo mundo que concordará com o dito até aqui, e, provavelmente menos, com as conclusões que seguem. Mas como globalização, tecnologia, etc. parece que têm presença assegurada por um bom tempo – a menos que algum evento catastrófico faça retornar o que sobrasse da humanidade à idade da pedra –, é bom pensar que o leque dos perfis dos profissionais da informação não será composto, exclusivamente, por egressos dos atuais cursos de graduação e pós-graduação em biblioteconomia, arquivologia, museologia e ciência da informação, cada dia mais longe da realidade científica, tecnológica e filosófica. E isso, não porque não apresentem alguma preocupação intencional de se aproximar realmente, de alguma forma, dessas disciplinas, mas porque, mesmo que alguns estejam tentando, sua velocidade de mudança, relativamente à velocidade de avanço, progresso e inovação dos cursos técnicos, científicos e outros das ciências humanas, é ínfima, e cada dia o distanciamento será maior. O que expressado em termos de uma equação adequada do cálculo infinitesimal/diferencial pode representar o caso acima nos seguintes termos: uma magnitude infinitamente pequena no início, por exemplo, a diferença da velocidade de dois processos, quando a velocidade de um deles cresce mais rapidamente que a do outro, a diferença de velocidades tende, ao passar o tempo, a um valor limite infinito.

Já que se fala, mais uma vez de reforma universitária, e considerando que existem propostas que muito podem contribuir a melhorar a proposta inicial do MEC (ver, por exemplo Almeida Filho, 2007), torna-se necessária uma discussão nacional para comparar e

integrar as disciplinas comuns dos cursos, especialmente, em nível de pós-graduação, que lidam com informação (as variantes da atual ciência da informação, incluindo matemática, ciência da computação e informática, inteligência artificial e robótica, lógica(s), lingüística, análise, desconstrução e reconstrução do discurso, semântica, gramática(s), semiótica, ontologia(s) no sentido filosófico e ‘webológico’, e algumas coisas mais. Poder-se-ia aproveitar algumas disciplinas nucleares de interesse comum, com níveis de profundidade progressivos, completando os currículos com disciplinas próprias de cada curso, com a profundidade adequada, e a possibilidade de agregar valor ao currículo com a escolha livre de algumas dentre todas as outras oferecidas em todos os outros cursos, com o conhecimento e aconselhamento do professor do(a) aluno(a).

Por último, e não por ser menos importante, poder-se-ia já começar por resolver alguns problemas, considerados periféricos quando se trata de aplicar recursos – nunca são suficientes! – um após o outro, se aproximando progressivamente dos problemas nucleares centrais (mais uma espiral !), que serão tanto mais fáceis de abordar e resolver quanto maior for o sucesso e benefício dos resolvidos precedentemente. Um exemplo, que não depende nem de comissões nem de ministérios, mas simplesmente do bom senso (favor, não confundir com ‘*common sense*’!): Dotar algumas salas de aula com vinte micro-computadores, em rede, e com acesso à Internet (para turmas de até quarenta alunos(as)), o que não se opõe à necessidade absoluta de um excelente laboratório de informática, em geral, para uso individual, devidamente controlado, ou em grupos dirigidos, fundamental para apoio às pesquisas. Convenhamos que é um contra-senso continuar ensinando as diversas disciplinas relacionadas com descrição e representação física e temática dos documentos (catalogação, indexação, análise da informação, etc.), formatos, modelagem e organização de dados e informações, (entrada de dados e informações, organização em bancos e bases de dados recuperáveis), teoria e prática da recuperação de informações (estratégias, álgebra booleana, lógica, tabelas de verdade, etc.), melhores técnicas de pesquisa na Internet, apreciação do valor dos dados recuperados, usabilidade, etc., sem se dispor da tecnologia adequada. Os computadores cada dia custam menos e são mais potentes. Cada dia existem mais softwares livres. O WinIsis (CDS/ISIS para Windows, com patrocínio de Unesco e mais de 100.000 usuários, também disponível para rede e Internet) e DSpace (repositório de arquivos digitalizados, idealizado e disponibilizado por MIT e HP para consórcio/federação de usuários via internet, software livre (*Open Access Initiative – OAI*), metadados Dublin Core, indexação automática, excelente motor de busca, etc., dezenas de milhares de usuários – o número de usuários cresce cada dia). Esses dois sistemas resolvem, em nível inicial e num bom nível de sofisticação, até as aplicações mais complexas para todo tipo de formatos de documentos (texto, vídeo, som, etc.).

Enquanto isso não chega, convidamos os interessados a se adentrarem no estudo de alguns trabalhos – de dificuldade de apreensão variável – cujas referências, se adicionam às já citadas. Ver, por exemplo, Deleuze (1998), Devlin (2004), Heidegger (1959) e Wittgenstein (1953).

7. Referências

- ALMEIDA FILHO, Naomar. As três culturas na Universidade Nova. **PontodeAcesso**, v.1, n.1, 2007 (Trabalho apresentado originalmente no encerramento do VII ENANCIB, Salvador, jun 2007 e publicado em “*Ponto deAcesso*”, revista eletrônica do Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia. URL : <http://www.ponto.deacesso.ici.ufba.br>. ISSN 1981-6766.
- DAMÁSIO, Antônio R. **Descartes’ error** : Emotion, reason and the human brain. Lisboa : Europa-América, 1994. [Disponível em edição brasileira: _____ “O Erro de Descartes : Emoção, razão e o cérebro humano”. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo SP : Companhia das Letras, 1996. ISBN 85-7164-530-2].
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Qu’est que la philosophie?** Paris : Éditions de Minuit. 1991 (Collection “Critique”) ISBN 2-7073-1386-6.[Disponível em edição brasileira: _____ “O que é a filosofia”. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. São Paulo SP : 34, 1992 (Coleção Trans). ISBN 85-85490-02-0].

DELEUZE, Gilles. **Le pli – Leibniz et le Baroque**. Paris : Minuit, 1988. [Disponível em edição brasileira: ____ “A dobra – Leibniz e o barroco”. Trad. Luiz B.L. Orlandi. Camoinas SP : Papirus, 1991. ISBN 85-308-0171-70].

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo SP : Perspectiva, 1998. ISBN 85-273-0138-5.

DEVLIN, Keith. **Adeus Descartes**. Lisboa : Europa-América, 1989.

DEVLIN, Keith. **O Gene da Matemática**. Rio de Janeiro RJ :Record, 2004. ISBN 85-01-06449-1.

DICIONÁRIO Enciclopédico Ilustrado Veja – Larousse. São Paulo SP : Abril; Larousse, 2006.

DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro RJ : Forense Universitária, 2007. 236 p. (coleção Campo Teórico). ISBN: 85-218-0344-7. [Tradução do original francês: “L’Arquéologie du savoir”. Paris : Gallimard, 1969].

HEIDEGGER, Martin. **Unterwegs zur Sprache**. Stuttgart, 1959. ISBN 3-7885-008-5. (Edição brasileira: ____ “A Caminho da Linguagem”. Petrópolis RJ: Vozes; Univ. São Francisco. 2003. ISBN 85-328-2920—2.

MARIJUÁN, Pedro C. “Introduction”. Trad. Marcia Sá Cavalcante Aschuback. In: **Proceedings of the First Conference on the Foundations of Information Science : From Computers and Quantum Physics to Cells, Nervous Systems and Societies**. Madrid, July 11-15 1994. URL : <http://fls.iguw.tuwien.ac.at/index1.html> [Consultado em 24 ago 2002] (Citado em Robredo, 2003).

NOVO Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro RJ : Nova Fronteira, 1986.

ORTEGA Y GASSET, José. *¿Qué es filosofía?* In: **Obras de José Ortega y Gasset**. Madrid : Alianza, 1991. [Ver também ____ *¿Qué es filosofía?* Madrid : Alianza, 2005. ISBN 84-206-4107-7].

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do Bibliotecário**. Trad. e posfácio: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília DF : Briquet de Lemos/Livros, 2006. ISBN 978-85-8545637-31-6. [Título original: “Misión del bibliotecario. In: Obras completas, v.5. Madrid : Alianza, 1983].

PEQUENO Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 11ª ed. Rio de Janeiro RJ: Civilização Brasileira, [1971?].

PETIT Larousse : Dictionaire encyclopédique pour tous. Paris : Larousse, 1959.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação Revisitada aos Sistemas Humanos de Informação**. Brasília DF: Thesaurus; SSRR Infoemações, 2003. ISBN 85-7062-381-X,

ROBREDO, Jaime.”Filosofia da Ciência da Informação ou Ciência da Informação e Filosofia? – Uma Questão que Merece ser Pensada”. In: **Anais do VII CINFOM**, Salvador BA : 4-6 jun 2007 (Meio eletrônico).

ROBREDO, Jaime. “Utilização de técnicas infométricas na organização de bancos de conhecimento, com base em ontologias, visando a gestão otimizada das políticas de pesquisa e inovação”. In: **Anais do XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**. Brasília DF, 8-11 jul 2007 (Meio eletrônico).

SANTAYANA, George. “What Philosophy Is”. Palestra apresentada em Haia, 1932. (*apud* the **Philosophical Society**. URL: <http://www.philosophicalsociety.com/>). [Consultado em 10 jul 2007].

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren: **The Mathematical Theory of Communication**. The University of Illinois Press, Urbana, Illinois, 1949. ISBN 0-252-72548-4. [Referenciado em Wikipedia, the free encyclopedia, URL: http://en.wikipedia.org/wiki/Claude_Shannon (Consultado em 10 jul 2007)].

THE BRAZILIAN Living Webster Encyclopedic Dictionary of the English Language : Including Portuguese-English / English-Portuguese Vocabularies. Chicago : The English Institute of America, 1973.

THE ENCYCLOPEDIA Of Philosophy. “Philosophy” (*apud* Philosophicalsociety.com, 2007). URL: <http://www.philosophicalsociety.com/What%20Philosophy%20Is.htm#ExcerptPhilosophy> [Consultado em 10 jul 2007].

THE FREE Dictionary. Philosophy/Philosophies. URL: www.thefreedictionary.com/Philosophy[Consultado em 10 jul 2007].

WATSON, Lyall. **Lifetide** :.A biology of unconscious. Oxford : Hodder and Stoughton, 1980 (Coronet Books). ISBN 0 340 24856 4.

WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Philosophy. URL <http://en.wikipedia.org/wiki/Philosophy> [Consultado em 10 jul 2007].

WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Philosophy. URL http://en.wikipedia.org/wiki/Milky_way [Consultado em 2 ago 2007].

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophische Untersuchungen**. 1953 ISBN 6-631-14670-9 (Edição brasileira. ____ “Investigações Filosóficas”. 4ª ed. Trad Marcos G. Montagnoli. Petrópolis RJ. Vozes; Univ.São Francisco, 2005. ISBN 85-32611328-4.

8. Notas

¹ Entende-se, geralmente, por filosofia contemporânea, no mundo ocidental, um conjunto de correntes e movimentos filosóficos – bastante díspares e efêmeros – que surgiram a partir da década de 70 do século XX. Foi, em grande parte, sob a influência da forte corrente filosófico-literária conhecida como existencialismo, que

brotou na Europa ocidental, após a grande conflagração mundial (1939-1945), despertando idéias e lembrando nomes que remontam à primeira metade do século XIX. Outras correntes influentes foram, no mundo anglo-saxônico, a filosofia analítica e o pragmatismo americano, assim como as filosofias predominantemente niilistas, derivadas do marxismo. Ao existencialismo sucede, na França e, posteriormente, na América, a pós-modernidade, que, normalmente, é considerada como uma das grandes correntes da filosofia contemporânea. Outras correntes são: a metafísica, o positivismo lógico, a filosofia da linguagem – com todas suas variantes –, a filosofia da mente, a filosofia da ciência e o neo-pragmatismo, que considera a ‘verdade’ como o que ‘funciona’. Observa-se um renascer do pensamento filosófico em áreas fronteiriças como a sociologia, a política, meio ambiente, e uma reaproximação entre filosofia e ciência, especialmente onde esta tem apresentado os mais espetaculares resultados (biologia, neurologia, física do universo, estrutura da matéria, processos cognitivos, etc).

² Além dos conflitos israelo-árabes que remontam a 1948 e se perpetuam até hoje, outras guerras, iniciadas na última década do século passado, têm assolado diversas regiões da Terra e, infelizmente, muitas ainda não terminaram: guerra do Golfo (1990-1991), guerras civis de Ruanda (1990-1994) e Argélia (1991-2002), guerras da ex-Iugoslávia (1991-2001), guerras do Congo, Darfur, Sudão, Chade, Somália, África central (1996 -), guerras do Afeganistão (1992 -), guerra do Iraque (2003 -), conflitos armados da Colômbia (1969 -) e do Peru (1980 -), levantamento separatista curdo (1984 -), conflitos da Cachemira (1984 -), guerras chechenas 1999 -). Os atentados de 11 de setembro de 2001, que derrubaram as “torres gêmeas” de Nova York, mostraram o profundo antagonismo entre extremismos político-religiosos – até então latentes –, tornando incerta toda esperança de paz duradoura, com a ameaça permanente de novos atentados imprevisíveis.

³ Michel Foucault (1926-1984) Filósofo francês das correntes pós-moderna e pós-estruturalista. Conhecido pelas suas críticas à psiquiatria e à medicina, assim como ao sistema prisional. Teórico da história e do discurso, desenvolveu uma teoria sobre o poder e sua relação com o conhecimento.

⁴ Citação de memória de uma sentença extraída do imenso e maravilhoso acervo da sabedoria popular.

⁵ René Descartes (1596-1650). Filósofo francês, matemático e físico, também conhecido como *Cartesius*. Nos últimos trinta anos de sua vida morou fora da França, principalmente na Holanda, onde lecionou na Universidade de Utrecht, e posteriormente em Estocolmo, na corte da rainha Cristina de Suécia, onde morreu. Conhecido, principalmente, pelo seu “*cogito, ergo sum*” (penso, logo existo) influenciou fortemente o pensamento de Espinosa, Locke, Leibniz e Kant. Seu pensamento, ao privilegiar o intelecto, em detrimento dos sentidos, mereceu, posteriormente, severas críticas. Dentre os pensadores contemporâneos, que contestaram a filosofia de Descartes, pode-se citar o biólogo Lyall Watson (1980), o matemático Keith Devlin (1989) e o neurologista Antônio Damásio (1994).

⁶ *sagesse*, no original francês.

⁷ Em outras palavras, epistemologia, ética e metafísica. Com o tempo foram acrescentadas: lógica, cosmologia, teoria do conhecimento, estética, filosofia política, da linguagem da educação, etc.

⁸ Tradução do inglês, da página ‘*Philosophy*’, da Wikipedia.

⁹ Poder-se-ia lembrar, neste ponto – só para descontrair –, um ‘aforismo’ popular que diz que “a filosofia é uma atividade intelectual, com a qual ou sem a qual o mundo continua tal qual”. Convenhamos que “*si non e vero, e ben trovato*”.

¹⁰ Gilles Deleuze (1925-1975). Filósofo francês. Difícil de enquadrar nas correntes filosóficas contemporâneas, pela originalidade de suas abordagens metafísicas e epistemológicas. Influência de Bergson, Spinoza, Leibniz, Kant, Nietzsche, Foucault. Ganhou grande notoriedade nos últimos anos, no mundo ocidental. A partir dos anos 60 do século passado inicia uma fecunda colaboração com Felix Guattari (1930-1992), filósofo e psicanalista, com quem publicou várias obras de grande repercussão.

¹¹ As traduções das citações acima foram feitas por mim, a partir da edição francesa, visando maior fidelidade ao sentido original.

¹² Idéia ou conceito geral e abrangente aplicável a todos os indivíduos, membros ou entidades de uma mesma classe ou conjunto homogêneo. Assim ‘gênero’ é universal relativamente a ‘espécie’, ‘mamífero’ relativamente a ‘homem’, ‘cavalo’, gato, etc.

¹³ Na ontologia de Deleuze, o ‘plano de imanência’ é um conceito fundamental onde imanência (que existe ou permanece dentro), se opõe, de certa forma, à transcendência (além da experiência ou da crença); é como imanência pura, imersão ou incorporação, que nega a transcendência enquanto ‘distinção real’. A imanência pura é vista como um plano puro, um campo infinito sem divisão de substância ou consistência.

¹⁴ José Ortega y Gasset: Filósofo espanhol (1883-1955), autor de numerosas obras de cunho sociológico e político, dentre as quais a ‘*Missão do Bibliotecário*’ – texto do pronunciamento inaugural do Congresso Internacional de Bibliógrafos e Bibliotecários (*International Congress of Bibliographers and Librarians*); ver “*Quotations About Libraries and Librarians Author List*”, na IFLANET: <http://www.ifla.org/L/humour/author.htm#O> – publicada recentemente no Brasil (v. referência acima).

¹⁵ Nos últimos anos de século XVII, Newton designava seus trabalhos como filosofia (*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*), associando matemática e ‘filosofia da natureza’, mais tarde chamada simplesmente ‘física’.

¹⁶ Em Robredo (2003), encontra-se detalhada a história do surgimento da ‘documentação’, na Europa, promovido por Otlet (1868-1944) e La Fontaine (1834-1943). Comentando o Congresso Internacional do *Institut International de Documentation* (Copenhague, 1935), cujos *Anais* foram publicados em 1936, nas ‘*IID Communications*’, Watson Davis, que haveria de fundar mais tarde o *American Documentation Institute*, ficou fortemente impressionado de “*ver todo gênero de pessoas (bibliotecários, arquivistas, cientistas, engenheiros, educadores e muitos mais) a fazer trabalho de documentalista nos lugares mais díspares, e não apenas bibliotecários*”. Calcula-se que, em 1937, Otlet já tinha reunido um repertório de mais de 12 milhões de fichas, classificadas pela CDU. *En passant*, vale a pena lembrar que o famoso *paper* de Vannevar Bush, intitulado “*As we may think*”, foi publicado em *Atlantic Monthly*, em 1945. Pode-se, também, consultar com proveito o documento de Michael Buckland, intitulado “*Paul Otlet, Pioneer of Information Management*” URL: <http://www.simsberkeley.edu/~buckland/otlet.htm>.

¹⁷ Algumas definições geralmente aceitas: *Verdade*: É a adequação ou conformidade do intelecto com a realidade. *Certeza*: Estado ou condição em que não existe dúvida (dispensável no pensamento contemporâneo filosófico e científico). *Conhecimento* é um misto de *verdades* e *certezas*. *Incerteza*: O princípio da incerteza, de Heisenberg, na física quântica, estabelece que o resultado de mensurações, mesmo em condições ideais, não é determinístico, apresentando uma distribuição probabilística (dualidade onda-matéria; a matéria é uma onda, e as ondas têm massa). *Probabilidade*: É a indicação de que alguma coisa está acontecendo ou pode acontecer. Em sentido mais rigoroso fala-se de probabilidades quando se trata de testes randômicos (aleatórios) bem definidos; a frequência relativa de ocorrência do resultado de repetidos testes, é uma medida da probabilidade do evento. .

¹⁸ O triângulo áureo é um triângulo isóscele ABC com ângulos da base de 72° e ângulo do ápice de 36°. O triângulo áureo deriva da ‘razão áurea’ que teve grande influência na geometria e arquitetura clássicas, assim como, posteriormente, no Renascimento, e também no pensamento místico.